



## MR 009. Casa, cidade, memória e corpo

### Coordenador(es):

Heloísa André Pontes (Unicamp)

### Participantes:

Luiz Fernando Dias Duarte (Museu Nacional)

Camila Gui Rosatti (USP/ENS-CNRS)

Heloísa André Pontes (Unicamp)

### Debatedor/a:

Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

O objetivo da mesa-redonda é colocar em diálogo pesquisas que tomam a casa como enquadramento analítico. Interessa-nos pensar a casa em dupla chave, tanto como produtora quanto como produto de relações sociais, abrindo a possibilidade de se investigar os condicionantes materiais e os ordenamentos simbólicos ligados ao ato de morar. Lugar da família e da socialização primária, patrimônio físico e cultural a ser transmitido entre gerações, espaço de referência identitária à família, endereço que dá existência social ao indivíduo, território que circunscreve um grupo e define um ethos e uma moralidade: são diferentes modalidades de experiência e usos que se inscrevem na casa. Nos trabalhos clássicos de antropologia, a casa aparece ligada ao sistema de parentesco, como uma linguagem entre os membros chamados a pertencer à genealogia ou como, em sua relação com o mundo exterior, transfiguração das cosmologias de uma sociedade. Os trabalhos a serem apresentados atualizam essas questões a partir de recortes empíricos específicos e percorrendo diferentes grupos sociais - classes populares, frações cultivadas da burguesia econômica e vanguardas artísticas. Atentos aos marcadores de gênero, raça e classe, a casa que aparece será tanto aquela que fixa uma memória, institui moralidades, reproduz a cultura de uma classe, modela corpos quanto a que ensaia e prescreve novos afetos, performances e sociabilidades.

### **O espaço da burguesia com gosto pela estética cultivada**

**Autoria:** Camila Gui Rosatti (USP/ENS-CNRS)

Tendo como horizonte de investigação as estratégias de transmissão intergeracional de patrimônio imobiliário e cultural, focalizarei o modo como escolhas estéticas em relação à moradia estão associadas a formas de dominação de frações de classe com prestígio cultural. Casas consagradas do modernismo paulista foram via de acesso a grupos comumente fechados, menos dispostos a revelarem deslocamentos urbanos, práticas culturais, consumos artísticos, organização familiar, acúmulo de riquezas e divisão de heranças. Valorizados pelo arrojo arquitetônico, esses bens imobiliários que se querem sóbrios e luxuosos, são ao mesmo tempo espaço de investimentos artísticos, patrimoniais e de aquisição de uma relação “de corpo e alma” com a cultura. Transmitidos ou até quando tiveram que ser vendidos, eles se tornam declaração visível e símbolo de linhagens que acumulam capital econômico e cultural.



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: